

# Dissenso de Washington

**J**ohn Williamson, economista inglês que trabalha no Institute for International Economics, em Washington, redigiu há dez anos a lista de medidas que deveriam ser adotadas por países pobres para modernizar suas economias. As propostas foram discutidas na instituição onde trabalha (depois de apoiar-se do Banco Mundial) e ganhou o sugestivo nome de "Consenso de Washington". O ideário foi transformado na bíblia neoliberal por, supostamente, ensinar os caminhos para que uma sociedade alcance em curto prazo a prosperidade.

O receituário parecia claro. Mas não é. Seu autor disse em entrevista ao jornal *Folha de S. Paulo*, reproduzida no *Correio*, o seguinte: "Talvez o documento tenha ido longe demais. Eu nunca pretendi que o Consenso fosse um manifesto político para que os países fizessem reformas por todos os lados, mas ele foi interpretado dessa maneira".

O autor faz críticas à liberdade concedida aos fluxos de capitais: "Isso não estava em minha concepção original", garante. Outra falha, segundo o professor, foi utilizar a âncora cambial no combate à inflação. "Esses dois itens, em particular, estão por trás da crise que o Brasil enfrenta hoje" assegura Williamson. Ele lembra que as sugestões "para abertura do mercado, controle da inflação e adoção de disciplina fiscal foram altamente benéficas".

Em relação ao Brasil, as previsões de Williamson são desanimadoras. Ele diz que a demora nas reformas estruturais causam preocupação. "As consequências para o país podem ser muito infelizes.

Começa a parecer com a Argentina nos anos 80. Se o presidente não puder liderar e se não existir nenhum líder no Congresso capaz de fazê-lo, ou se o Congresso não apresentar pauta alternativa, o fim pode ser ruim", adverte. Segundo o professor, "o Brasil está perdido e fragilizado, sem condições de fazer escolhas no momento de efetivar cortes nos gastos".

A entrevista do professor é, de longe, um dos fatos mais importantes dos últimos tempos. Ele é o autor do receituário do Consenso de Washington, adotado com fervor pelos economistas brasileiros. O autor critica seus próprios seguidores. Admite que houve má interpretação, fenômeno comum em documentos religiosos, desvios de conduta e ações equivocadas, como a manutenção, no Brasil, por tempo demasiadamente longo, da âncora cambial. O próprio Williamson critica ações e medidas empreendidas pelo governo brasileiro.

Analistas e estudiosos estrangeiros têm errado muito quando examinam a economia brasileira. Mas, desta vez, quem fala é o autor do Consenso de Washington. Ao que parece, a unanimidade de opiniões está escorrendo pelo ralo da história. Os países que adotaram o receituário estão experimentando enormes dificuldades. E o autor da fórmula da felicidade critica sua execução. De Washington, depois das manifestações recentes da diretoria do Fundo Monetário Internacional, do Banco Mundial e da Unctad (órgão das Nações Unidas que estuda comércio e desenvolvimento) restou, ao que parece, o dissenso.